

# A Comunidade da Távola Redonda

#### Tradição Celta – Grã Bretanha e França

Arthur ficara em silêncio por muito tempo enquanto observava, com um meio sorriso reflexivo, os cavaleiros e damas reunidos no grande salão de Camelot. Ele gostava das reuniões da comunidade da Távola Redonda, especialmente as reuniões anuais de Pentecostes, quando todos os membros, espalhados por todo o mundo conhecido, iam à Grã-Bretanha para renovar seus laços e votos de companheirismo. O grande salão estava repleto de uma variedade impressionante de pessoas com seus comportamentos individuais e trajes tradicionais, cada um seguindo a moda de seus países de origem. Havia mulheres com cocares altos e baixos, homens exibindo grandes bigodes, alguns com barbas longas, outros com barbas curtas, alguns barbeados, tudo de acordo com os costumes de seus respectivos reinos.

A música de violas e flautas enchia o salão, mas não silenciava o burburinho das conversas, salpicadas aqui e ali de risos e gargalhadas. À direita de Arthur estava sentada a Rainha Guinevere, sua esposa, que parecia estar limpando uma mancha de vinho em seu vestido com a ajuda de Cunneware de Lalande, uma conhecida senhora da corte. À sua esquerda, do outro lado do Cerco Perigoso (sempre vazio à espera da chegada do melhor cavaleiro de todos os tempos), estava o invencível Lancelot e seu meio-irmão, Ector de Maris. Gargalhadas estrondosas vinham desse grupo quando Sir Dinadan chegava sempre pronto com uma piada para a alegria dos camaradas.

Arthur achava que a Távola Redonda sempre fora uma bênção, não apenas para o bem de seu reino, mas também ao longo de sua vida. A atmosfera de companheirismo verdadeiro que impregnava o clima ao redor da mesa era sempre um alívio, uma fuga para suas obrigações governamentais. Era um ambiente de emoções agradáveis ​​e sentimentos alegres que o faziam sentir-se verdadeiramente vivo. Aqui ele poderia se recuperar e relaxar um pouco neste lugar humilde de ser um entre seus amigos, em vez de ser o soberano de um dos reinos mais poderosos da Europa.

E a Távola Redonda foi exatamente assim. Era redonda para que nenhum dos reunidos ali pudesse ocupar um lugar especial ou de destaque entre todos os seus companheiros. Aqui, todos tinham status igual. Na Távola Redonda ninguém era excluído e todos sentavam, ombro a ombro, independentemente de sua condição social, raça ou religião.

Arthur se lembrou do dia em que a imensa mesa, na qual 150 pessoas poderiam se sentar, chegou a Camelot. Foi o presente de casamento do pai de Guinevere, o Rei Leodegrance de Cameliard. Anteriormente, tinha sido dado a ele pelo pai de Arthur, Uther Pendragon, por sugestão do sábio Merlin. Merlin, a quem alguns atribuíram poderes mágicos, foi o diretor dos conselheiros de seu pai e, posteriormente, após a morte de Uther, também o seu. Arthur se lembrou das palavras de Merlin quando a mesa veio de Cameliard:

"Esta mesa é redonda por causa da redondeza do mundo e das esferas dos planetas e dos elementos do céu", disse o sábio. ‘A Távola Redonda é um símbolo do mundo e, além disso, um símbolo de unidade.’

Merlin dissera a Arthur que a mesa seria crucial ao longo de seu reinado, que nela ele deveria reunir os melhores, mais puros e nobres cavaleiros do mundo. Ele também aconselhou que o batismo cristão não deveria ser um requisito para fazer parte desta estimada irmandade, e propôs um voto pelo qual todos os cavaleiros deveriam jurar um código ético de atitude e comportamento. Isso deveria ser reconfirmado anualmente na reunião de maio, no Pentecostes, por cada membro da Mesa.

De acordo com este voto, os cavaleiros nunca lutariam contra, ou entre si, exceto por amor ou nos torneios tradicionais que aconteciam periodicamente. Eles se comprometeram com um comportamento exemplar, endireitando qualquer injustiça perpetrada de que tivessem conhecimento. Eles se comprometeram a defender as mulheres, crianças e idosos, tornando-se apoiadores dos fracos em face dos poderosos, evitando a violência sempre que possível. Eles também juraram ser misericordiosos com todos os vencidos que pedissem perdão, e nunca lutar por uma causa injusta, mesmo que fosse por amor ou por lucro.

Desta forma, os cavaleiros da Távola Redonda tornaram-se uma força poderosa garantindo a ordem social e assegurando a paz, mas sempre de forma comedida, com moderação, tentando evitar a violência desnecessária em um tempo em que a violência fazia parte do cotidiano. Com aqueles primeiros cavaleiros - reis, príncipes, nobres e cavaleiros de outros países ainda não haviam chegado - Arthur conseguiu estabelecer uma paz duradoura em todas as suas terras. E assim, ele trouxe abundância ao seu reino. Com o passar dos anos, as safras aumentaram sua produtividade, pois não foram destruídas e replantadas após as sucessivas guerras do passado. As florestas cresceram e não foram derrubadas para construir torres de cerco e armas como catapultas, lanças ou escudos. Além disso, as pessoas nas vilas e cidades de Logres mantinham suas terras de trabalho e negócios sem ter que começar do zero sempre que uma guerra devastava a região. O reino de Logres floresceu e seu povo se sentiu feliz.

Assim, cavaleiros maduros e jovens de todos os cantos das Ilhas Britânicas se reuniram. Eles incluíam Sir Lucan e Kay - irmão adotivo de Arthur e Senescal - e os velhos cavaleiros - alguns dos quais serviram com seu pai, como Ulfius, Brastias, Baudwin, Pellinore das Ilhas, Uriens de Gore ou Ector, seu pai adotivo. Cavaleiros como os irlandeses Marhaus e Mador de la Porte, os galeses Bedivere e Lamorak, o incomparável Tristan da Cornualha e os sempre presentes escoceses Gawain, Gareth e Gaheris, filhos de Loth, rei de Lothian, Orkney e Noruega também se juntaram à irmandade.

A princípio, Arthur acreditou que a Távola Redonda seria um meio pelo qual ele poderia garantir a lealdade dos melhores cavaleiros de seu reino contra as ameaças de outros reinos. Também seria uma forma de ganhar o favor de nobres guerreiros de outras partes do mundo, guerreiros que, em outras circunstâncias, ele teria contratado como mercenários. Mas Merlin o fez ver que tal percepção estava errada, explicando-lhe que a Távola Redonda era um instrumento de paz, não de guerra. Sua paz não seria derivada do poder dissuasivo dos cavaleiros reunidos ao seu redor, mas do poder da amizade e companheirismo. Com o tempo, Arthur acabou entendendo o significado das sábias palavras de Merlin.

Após os primeiros anos de seu reinado, Arthur começou a convidar reis e príncipes honrados e justos para fazer parte da Távola Redonda. Ele até convidou aqueles reis a quem ele havia se oposto e às vezes brigado no passado e que, depois de assinar um tratado de paz e notar que eram homens nobres de boa vontade, aceitaram de bom grado se juntar à reunião cada vez mais prestigiosa. A Távola Redonda poderia ter a aparência de uma mesa de guerreiros, mas na realidade era uma mesa de paz. É importante ressaltar que era aquela em que reis, príncipes e nobres que, em outras circunstâncias teriam lutado e travado guerras entre si, se sentariam juntos para se conhecerem, ligados uns aos outros, evitando assim conflitos futuros entre eles.

Que melhor maneira de reunir todos esses homens do que fazê-los comer e beber lado a lado, rindo, brincando e zombando uns dos outros nesta mesa magnífica?

E quando, apesar de toda essa camaradagem, alguma divergência surgia entre os reis vizinhos, em vez de resolver suas disputas de forma independente de acordo com suas próprias regras, eles discutiam suas diferenças na Távola cara a cara. Desta forma, os outros reis, príncipes e cavaleiros agiam como mediadores.

Foi assim que a paz de Arthur se espalhou pela Grã-Bretanha e pelas ilhas, mesmo além do canal. Foi um período prolongado de paz, que fez Arthur finalmente compreender, após muitos anos de ter estabelecido a irmandade, o papel sutil que aquela imensa mesa de madeira estava desempenhando.

Pouco depois, quando as virtudes do reino de Arthur e o prestígio de sua corajosa fraternidade começaram a se espalhar por toda a Europa, cavaleiros e nobres de outros países e regiões do mundo começaram a chegar. Entre eles, Sir Urre da Hungria, o dinamarquês Melias de Lile, o grego Cligès ou o Constantinopolita Segramore le Desirous; e, acima de tudo, um verdadeiro exército de gauleses, com Bors e Bleoberis de Ganis, Sir Lionel e o grande Lancelot du Lake à frente. Havia até cavaleiros que tinham outras crenças e adoravam outros deuses, incluindo os sarracenos Palomides, Safere e Segwarides, os sarracenos da Toscana Priamus ou o pagão africano Feirefiz, rei de Zazamanc, que era meio negro e meio branco, porque era filho da Rainha Belakane de Zazamanc e o Frank Gahmuret d'Anjou. Foi apenas então, que Arthur entendeu a ordem de Merlin de que o batismo cristão não deveria ser um requisito para aqueles que desejassem fazer parte da comunidade.

A ideia de que ninguém deveria ser excluído da Távola Redonda também levou Arthur a integrar à fraternidade pessoas que, em outra época, jamais teriam aspirado a fazer parte de uma sociedade tão prestigiosa. Assim, o escocês Sir Fergus, que tinha sido um camponês, e Sir Tor, o filho de um pastor, receberam a homenagem de Arthur e passaram a fazer parte da Távola. Sir Segramore, que sofria de ataques epilépticos, foi bem-vindo. E havia Sir Evadeam, conhecido como o Cavaleiro Anão, a quem Arthur conferiu o título de cavaleiro para a diversão da irmandade, apenas para acabar envergonhando a todos com seus feitos heróicos. Outros membros da irmandade eram Sir Ginglain, filho de uma fada, e o astuto e provocador Sir Dinadan que, sendo um magnífico cavaleiro, questionava as convenções da cavalaria com suas piadas, gostando da companhia do mais belo de seus camaradas, e não escondendo sua rejeição ao amor feminino.

Finalmente, as palavras ‘Ninguém deve ser excluído’ levaram Arthur a perceber que havia se esquecido das pessoas mais importantes de seu reino e do mundo: as mulheres! Considerou que elas também deveriam fazer parte da Távola Redonda, não podiam ser excluídas e que sua presença aumentaria muito o conceito da Távola Redonda, deixando de ser apenas uma sociedade de homens armados. Em tempos de paz, não eram as armas que deveriam prevalecer.

E assim, além da Rainha Guinevere, esposa de Arthur, a Távola Redonda também hospedaria muitas mulheres de inteligência e discernimento comprovados, que foram capazes de oferecer conselhos sábios e mediar conflitos habilmente. Essas mulheres incluíam as senhoras Elaine de Astolat e Cunneware de Lalande; Guinevak, irmã de Guinevere; Evaine, mãe de Bors e tia de Lancelot; a sábia e erudita Morgan le Fay, meia-irmã de Arthur; a pagã de pele negra Ekuba, rainha de Janfuse, na África, uma mulher de imenso bom senso; bem como moças e donzelas como as irmãs Lyonesse e Lynette; Laudine, a Senhora da Fonte; Elaine, a Jovem, irmã de Gawain e filha de Loth; e Morfydd, irmã gêmea de Sir Owain. Com o tempo, outras mulheres de idades muito diferentes também se juntaram a elas. Entre elas, a incomparável Dindrane, a jovem Itonje e sua mãe, a Rainha Sangive, e a bela, forte e poderosa Duquesa Orgeluse de Logroys.

Com a inclusão de todas essas mulheres, a Távola Redonda aperfeiçoou suas capacidades como instrumento de paz, em linha com as recomendações de Merlin.

‘As mulheres têm um raciocínio rápido e uma inteligência inata para conservar, recuperar e consertar relacionamentos,’ Arthur pensou enquanto olhava para as mulheres espalhadas pelo círculo da Távola. "Seu cuidado primoroso para evitar ferir os sentimentos e sua atenção às nuances dos relacionamentos, laços e ligações entre as pessoas, as tornam indispensáveis ​​no objetivo de resolver conflitos e manter a paz e a harmonia."

Com essas mulheres, a Távola Redonda atingiu seu nível máximo de esplendor. Essa comunidade de homens e mulheres havia transformado o contrato social de seu tempo, baseado na independência. Por meio deles, tornou-se um vínculo afetivo baseado na interdependência, uma verdadeira irmandade em que todos estavam dispostos a fazer o melhor por todos. A igualdade entre seus membros, incluindo o rei, havia operado o milagre. Isso porque os membros da mesa disseram que, embora quase não tivessem lidado com vários de seus companheiros, a afeição que sentiam um pelo outro era tão profunda que somente a morte poderia separá-los.

A Távola Redonda exerceu uma enorme força gravitacional sobre todos os seus membros, a tal ponto que muitos cavaleiros e damas de terras distantes optaram por se mudar de suas residências e trazer suas famílias para Camelot, a fim de poderem desfrutar com mais frequência da companhia da nobre comunidade.

‘Aqueles que se sentam ao redor desta mesa não vão mais querer voltar para suas terras ou deixar este lugar,’ o velho Merlin disse a Arthur muitos anos antes.

Arthur perdeu o meio sorriso, a cabeça baixa.

‘Oh, Merlin, meu bom Merlin!’ Ele lamentou consigo mesmo. ‘O que aconteceu com você, meu bom amigo?’

Sim, o rei sentia muito a falta de seu velho amigo e conselheiro. Infelizmente, foi uma mulher que lhe tirou o apoio mais poderoso do governo de Logres, visto que o célebre mago desapareceu seguindo os passos de Nimue, a Dama do Lago.

‘O amor não tem idade’ pensou Arthur. ‘Quem sabe se sua paixão por esta mulher lhe custou a vida ... E agora o bem de Merlin não está neste mundo, mas no mundo dos sonhos.

Sim, Merlin e muitos outros bons cavaleiros haviam falecido, e a dolorosa lembrança daqueles amigos estava sempre com Arthur nas ocasiões em que a comunidade da Távola Redonda se reunia. Mas ele sabia que não poderia se deixar levar por seus sentimentos, nem se envolver muito na dor e na nostálgica lembrança de quem não estava mais ali, quando podia desfrutar, aqui e agora, da presença de muitos bons amigos. E ali, diante de seus olhos, todos eles se sentaram.

A música de violas e flautas continuou inundando o salão com seus sons harmoniosos e cavaleiros e damas continuaram a conversar e rir enquanto esperavam por uma aventura. Isso porque, na Távola, havia o costume de não começar a refeição até que sucedesse um acontecimento memorável. E isso porque o relato de aventuras era uma das principais distrações da Mesa.

Como Merlin aconselhou Arthur, para o reino funcionar, os cavaleiros deveriam assumir a responsabilidade por si mesmos. Por isso estabeleceu uma regra que ordenava que, sempre que um cavaleiro saísse em qualquer missão, ele tinha que jurar, antes de partir, que ao retornar contaria com honestidade e em detalhes o que lhe acontecera. Isso teria que ser verdadeiro, quer o cobrisse de honra ou, por outro lado, de vergonha. Esse costume ajudaria Arthur a diferenciar os bons cavaleiros dos maus, os honestos, nobres e leais dos desonestos e desviados, eliminando assim da Távola Redonda quaisquer elementos corruptos. De todos esses relatos, inúmeras histórias acabariam surgindo, contando os feitos incríveis dos Cavaleiros da Távola Redonda. Arthur sempre se certificou de que seu bardo memorizasse cuidadosamente todas essas aventuras.

"Talvez todas essas ações e eventos sejam relatados no futuro, quando nossa existência não for mais do que uma memória, e espero que seja agradável, 'o rei refletiu. ‘Espero que esta estimada assembleia inspire as gerações futuras.’

Arthur nunca se esqueceu do que Merlin lhe dissera uma vez, enquanto, das janelas de Camelot, eles contemplavam os prados verdes da paisagem circundante banhados pelo sol da tarde.

‘Senhor, a sua Távola Redonda, por maior e prestigiosa que seja,’ disse ele, deixando seu olhar deslizar para o horizonte, ‘é apenas a prefiguração de outra mesa muito maior e honrada que será estabelecida em um futuro distante. Será quando as pessoas mais nobres e puras de todas as raças do mundo conhecido, e de outro mundo ainda não conhecido, se reunirão, como aqui, em torno de outra mesa redonda para formar uma grande confraternização. Então, a guerra se tornará uma memória trágica do passado, e a raça humana alcançará o status de deuses. '

Arthur sempre se lembrava dessas palavras. Na verdade, ele não queria esquecê-los.

"Não devemos esquecer as utopias", murmurou para si mesmo, "pois as utopias marcam o horizonte para o qual devemos dirigir nossas montarias."

De repente, Arthur abandonou suas reflexões e pensamentos silenciosos. Algo estava acontecendo nas proximidades da porta principal do grande salão de Camelot. As conversas ruidosas e as risadas diminuíram. Este podia ser o primeiro sinal de que haveria uma aventura.

Olhando para além de Lancelot, Ector e Dinadan, que também haviam ficado em silêncio e agora olhando para a porta, Arthur viu que um corredor se abriu entre a congregação para deixar entrar um pajem. Esta pajem segurava, pela mão, um jovem bonito vestido de bobo da corte.

‘Deus o salve, meu Senhor! Deus te salve, minha senhora!’ Disse o recém-chegado, caindo no chão sobre um joelho. ‘Minha mãe insistiu que eu deveria cumprimentá-los separadamente, e ela também me disse para saudar aqueles que, por causa de sua grande fama e nobreza, estão sentados ao redor da Távola Redonda.

E, sem esperar pela saudação do Rei, ele continuou:

"Na entrada deste castelo, encontrei um cavaleiro vestido completamente de vermelho que, ao que parece, quer lutar, reivindicando direitos estranhos sobre o seu reino. Ele também me pediu para lhe dizer que lamenta ter derramado o vinho da Rainha ", acrescentou ele, olhando para Guinevere. ‘Se você me permitir, estou disposto a confrontá-lo pessoalmente. Em troca, e se eu for bem-sucedido, imploro que me permita apossar-me de sua armadura, que é magnífica, e também que me conceda as honras de um cavaleiro.

Arthur ficou maravilhado com a ousadia do jovem. No entanto, ele temia por sua vida, prevendo sua inexperiência com armas. O Rei não sabia que acabava de conhecer o belo Parsifal, filho de Gahmuret d'Anjou e da Rainha Herzeloyde, o cavaleiro que encerraria a Busca do Santo Graal e ganharia o direito de sentar-se no Cerco Perigoso, o assento vago na mesa redonda.

Mas essa é outra história.

Adaptado por Grian A. Cutanda (2016).

Sob licença Creative Commons CC BY-NC-SA. 

### Comentários

Eu entendo que esta é uma versão bastante longa e complexa dessa história. No entanto, gostaria de proporcionar uma versão completa da história para que ela pudesse transmitir melhor seu conjunto particular de valores, valores que representam uma ampla gama de princípios da Carta da Terra.

Como espero que tenham visto, esta história ilustra o caráter diverso, transcultural e inclusivo preconizado por este ponto da Carta, principalmente aqueles que apontam para o trabalho conjunto em igualdade de todos os componentes da Távola. Este é, desde o início, um símbolo do mundo nos próprios textos medievais. Um trabalho interessante a esse respeito é oferecido por Bloch (1980).

Quando fiz uma análise de conteúdo dessa história, ela atendeu *a todas as categorias do pensamento de sistemas complexos e a todas as categorias dos valores e princípios da Carta da Terra,* tornando-a uma das histórias mais úteis da coleção.

A versão apresentada aqui reúne elementos de uma série de histórias diferentes do Ciclo Arthuriano em que a Távola Redonda e sua comunidade são mencionadas. Baseia-se em material que remonta a Wace (1155), que foi o primeiro a mencionar a Távola. Limitei-me a destacar os detalhes que existem nos textos medievais que julguei ter a maior ressonância com nosso próprio contexto histórico. Finalmente, conectei este breve episódio da corte de Arthur com a cena do mito de Parsifal em que o herói aparece pela primeira vez diante de Arthur, como na adaptação de Wolfram von Eschenbach (1999).

É também a versão de Wolfram von Eschenbach que especifica que as mulheres também se sentaram em torno da Távola Redonda. Todos os personagens mencionados aqui aparecem em alguma versão dos mitos arthurianos e têm as características que enfatizei aqui.

### Fontes

Bloch, R. H. (1980). Wasteland and Round Table: The historical significance of myths of dearth and plenty in old French romance. New Literary Story, 11(2), 255-276.

Eschenbach, W. von (1999). Parzival. Madri: Ediciones Siruela.

Malory, T. (1986). Le Morte d’Arthur. Vols. 1 and 2. Harmondsworth, Reino Unido: Penguin Classics

#### Associado ao texto da Carta da Terra

O Caminho Adiante: Nossa diversidade cultural é uma herança preciosa, e diferentes culturas encontrarão suas próprias e distintas formas de realizar esta visão. Devemos aprofundar e expandir o diálogo global gerado pela Carta da Terra, porque temos muito que aprender a partir da busca iminente e conjunta por verdade e sabedoria.

#### Outras passagens que esta história ilustra

Preâmbulo: Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz.

Princípio 13: Fortalecer as instituições democráticas em todos os níveis e proporcionar-lhes transparência e prestação de contas no exercício do governo, participação inclusiva na tomada de decisões, e acesso à justiça.

Princípio 16: Promover uma cultura de tolerância, não violência e paz.

Princípio 16a: Estimular e apoiar o entendimento mútuo, a solidariedade e a cooperação entre todas as pessoas, dentro das e entre as nações.

Princípio 16b: Implementar estratégias amplas para prevenir conflitos violentos e usar a colaboração na resolução de problemas para manejar e resolver conflitos ambientais e outras disputas.

Princípio 16f: Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras culturas, outras vidas, com a Terra e com a totalidade maior da qual somos parte.

